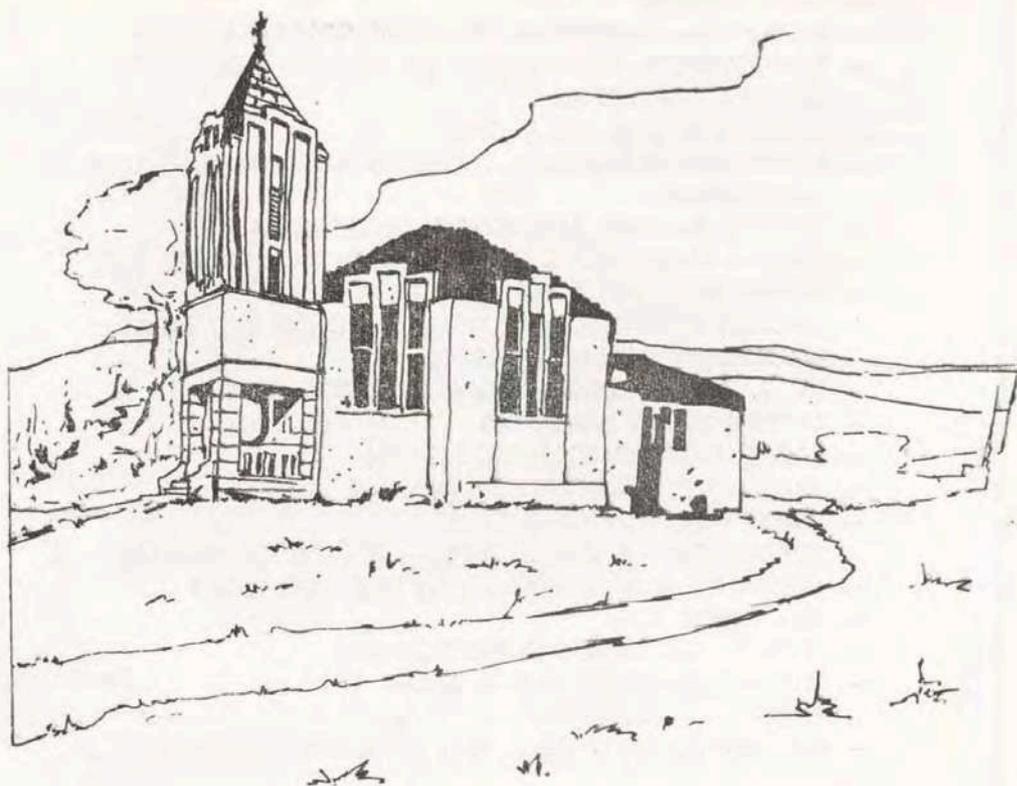


Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVI

Janeiro de 1995

Nº. 1



IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAS DURANTE O CORRENTE ANO :

- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARNALDO BUERGER
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPRON ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH. — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODIZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SUL FABRIL S/A.
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVI

Janeiro de 1995

Nº. 1

SUMÁRIO

Página

Nossa Capa	02
O anarquista estimulado pelo Imperador - Theobaldo Costa Jamundá	02
Crônica de 1915 - Pe. Antônio Francisco Bohn	04
Atlas filológico da região sul do Brasil permite corrigir verbetes de açorianismos nos dicionários - Dr. Oswaldo A. Furlan	07
Reminiscências de Ascurra - Atílio Zonta	11
Figura do passado - Júlia Nascimento Régis	13
Aconteceu... há 50 anos passados	16
Autores Catarinenses - Enéas Athanázio	17
O Colégio Santo Antônio - Blumenau em 1933	20
Genealogia - Apêndice ao 11º. Ramo da Família Gerent	23
Em busca da origem da família Deschamps - Genésio Deschamps	26
Aconteceu... - Novembro de 1994	29
Faleceu Frederico Kilian	32

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 10,00

Número avulso R\$ 3,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 30,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 26-6787

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CAPA: Capela São Miguel Arcanjo, de Itoupava Central, cujo desenho é da autoria de Stocker. — CLICHÊ: Cortesia da CLICHERIA BLUMENAU.

NOSSA CAPA

Iniciamos esta primeira edição de 1995, estampando em nossa capa, um desenho da capela São Miguel Arcanjo, de Itoupava Central, deste município de Blumenau, cujo projeto foi da autoria do engenheiro Kaulich, e sua construção efetuada na mesma época, ou seja, em 1929. Segundo se afirma, este é o único exemplar de arquitetura religiosa católica com planta baixa em formato octogonal (oitavada). Trata-se, portanto, de um exemplar raro, visto que o engenheiro Kaulich construiu, segundo se sabe, apenas outras duas, sendo uma em Lages e a outra em Salto Grande, atual Ituporanga. Eis a razão de nossa disposição de imprimir o desenho desta capela na capa de «Blumenau em Cadernos», não deixando de manifestar nossa preocupação no sentido de que nossas autoridades e a própria comunidade local tudo façam e envidem esforços pela preservação deste importante patrimônio histórico religioso de nosso município, impedindo assim que aconteça o que já ocorreu em outras regiões do Estado — e mesmo em Blumenau com a nossa antiga e histórica igreja matriz — a demolição pura e simples, eliminando com isso a memória visual histórica que tão bem agradam aos olhos dos que têm consciência do que é resguardar a nossa história.

O anarquista estimulado pelo Imperador

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ

Relendo a bibliografia disponível sobre o anarquista Giovanni Rossi, mesmo eliminando o caráter apologético, chega-se à versão, bem aproximada, do perfil pessoal, no qual fica bem emoldurado.

É recomendável focalizá-lo na paisagem humana da vertente "Rio dos Cedros" (Bacia do Itajaí), contexto administrativo do município de Blumenau. Governava a comuna comemorando o cinquentenário o baiano, médico e político Dr. José Bonifácio da Cunha (1860-1919).

O Dr. Giovanni Rossi, assim muito divulgado, chegara oriundo de Taquari (Rio Grande do Sul) depois de amargurar a dissolução da experiência anarquista na Colônia Cecília, no estado do Paraná.

Homem de leituras científicas e de escrever para jornal, participou nas louvações ao município aniversariante escrevendo na língua materna a inspiração saudação "OH BLUMENAU, LEMBO GENTILE DEL MAESTOSO COLOSSO CHE CABRAL DISCOPIVA, VORREI ESSERE FILOSOFO,

ARTISTA E POETA PER INTENDERE E PER CANTARE LA TUA GLÓRIA". (Cf. Blumenau 1850-1900, pág. 3, Tip. H. Baumgarten, Blumenau, SC).

Talento, vivência universitária europeia, forte convicção ideológica, italiano nascido em Pisa em 1860, sem dúvida foi imigrante notado e alcançou ser notável como convidado do Imperador Pedro II para a realização da experiência anarquista no território da Província do Paraná (1890-1894).

Para a população de Rio dos Cedros, recebeu rótulo restritivo: "Homem de Teorias". Ainda com este qualificativo o escritor Leandro Longo, personalidade prestigiada no distrito, escrevia para o líder político Mário Schuster, figura de importância regional, dizendo que o agrônomo Giovanni Rossi chegará à vila com a criação da Estação Agronômica pedida por Germano Bona (Carta de 17.x.1950).

Saber apenas pesquisar plantas exóticas, foi legenda para incutir reprovação à presença do Dr. Giovanni Rossi: não procurá-lo e isolá-lo no próprio ambiente de trabalho. — Nicolau Bona, amigo dos primeiros, no meu convívio indaialense de duas dezenas de anos, disse-me que o Dr. Giovanni Rossi, só dava-se bem com os poucos simpatizantes (bem poucos) do anarquismo, e por ser ateu, era evitado.

Amizade e lealdade quem deu ao Dr. Giovanni Rossi foi o seu auxiliar e amigo Ermembergo Pellizzetti. Sendo figura de personalidade forte e prestigiadíssima, sem dúvida um político ímpar, na defesa do agricultor e no estímulo ao desenvolvimento da agricultura. Tem para a memória daquele seu amigo um discurso apoloético. Entretanto não relata os benefícios prestados pelo referido agrônomo ao produtor rural (Cf. Beatriz Pellizzetti, Pioneirismo italiano no Brasil Meridional — Estudo de caso — Curitiba, PR. 1981) — Todavia a orizicultura irrigada e a lavoura fumageira devem alguma coisa à passagem do agrônomo Giovanni Rossi, nas áreas, em que no princípio deste século

ganharam importância. Outro que fala bem do Dr. Giovanni Rossi é Andrea Largura, descrevendo a atividade cooperativista em Rio dos Cedros como esforço associado para o desenvolvimento.

Os serviços de pesquisa agronômica foram extintos em Rio dos Cedros e instalados em Florianópolis (Estreito no atual Portal Turístico). Reafirmado no prestígio e na confiança, oficiais, exerceu a direção.

Em resumo e na verdade já era colecionador de adversidade, e no meio rural era criatura isolada cercada pelas restrições dos vigários. Ativo no ateísmo e no anarquismo, escolheu regressar à sua Itália, quando ainda colhia aplausos oficiais em Santa Catarina.

Ficou em duas histórias: da Colonização do Paraná, e na da Agricultura de Santa Catarina. Seu nome é indelével no grupo ativo dos anarquistas italianos em terras brasileiras. — O Imperador Pedro II participou para tanto.

Algumas considerações conclusivas se colhe na presença desse imigrante de nível universitário: (1) Possuiu personalidade forte; (2) Em tal personalidade atuou-se como anarquista; (3) Como engrônomo ou apenas agrônomo associou a orientação profissional à aplicação do Anarquismo; (4) Foi de atuação franca e direta.

Escrevia bem, desfrutou prestígio oficial e fez amigos; manteve-se por princípio político, distanciado dos padres porém lhes convenceu das suficiências na direção da Estação Agronômica de Rio dos Cedros. E essa dedicação técnico-científica me falou frei Solano Schmitt aos 82 anos numa tarde ensolarada, na matriz de Gaspar, SC, remorando o tempo, no qual, foi vigário em Rio dos Cedros. E atendendo-me pela apresentação do frei Luciano Wagner, vigário de Indaial, SC.

Figura rara se tem que admitir já por enquistar-se numa maioria católica atuante, e excluir que estivesse capacitada para fazer agricultura sub-tropical rentável e fecundante de prosperidade. Entre-

tanto admitia aos colaboradores de convívio dos fazeres da experimentação agrícola, que a força de vontade era via para alcançar resultados de alguma compensação.

O conflito entre o anarquismo de Giovanni Rossi e o pastoreio dos franciscanos, não foi agressivo, porém existiu. E seria extranatural se não tivesse acontecido. O tirolês e o italiano eram católicos por herança cultural, e o Anarquismo aparecido na Itália com Enrico Malatesta (1853-1932) era dependente de uma doutrinação. Sabe-se que chegou para São Paulo com os italianos e o operariado foi meio pelo qual cresceu (Sobre o crescimento ler VAMIREH CHACON, Os Livros de Zélia in "Jornal de Letras", fev.-março 94, RJ). Também se sabe que o meio urbano deu pelas carências sociais as condições para fecundação do Anarquismo mas o mesmo não aconteceu nas comunidades rurais.

E neste raciocínio encontra-se: (1) O por quê dr. Blumenau preferenciava para sua Colônia o imigrante religiosamente estruturado. E exatamente, é uma interrogação por que nela aceitou a convivência materialista do sábio dr. Fritz Müller? E também por que os satelitados de Giovanni Rossi não foram mais que seus companheiros de trabalho. Todavia aqui cabe, mais uma vez dizer alto que entre aqueles dos fazeres na Estação Agronômica de Rio dos Cedros, esteve a personali-

dade maior de Ermembergo Pellizzetti: um italiano que o declarado amor à Terra catarinense o abrasilou, e abrasilando o teve como líder político aplicado em orientar para o progresso.

O dr. Giovanni Rossi médico-veterinário pelas escolas de Pisa e Perugia (1875) (Cf. ob. cit. Beatriz Pellizzetti p. 32) politicamente, fracassou na Colônia Cecilia (PR) e em Rio dos Cedros, SC., entretanto entrou para a História catarinense, já pelo atrevimento da introdução do Anarquismo em comunidades fechadas no pastoreio de frades franciscanos teutões; já por que sendo méd-vet. executar projeto de experimentação agrícola (que se pode supor ter sido alternativa de trabalho).

Sendo um ou sendo outro ficou salientado na paisagem humana ocupada por aproximadamente 20 mil habitantes. E imaginou-se com leitores sobre "Questão social" falando de Spencer, Morgan, Letourneau. Imaginou-se agitador pela palavra escrita de quem vivia na pequena agricultura familiar pelas localidades: Rio dos Cedros, Tirolezes, Pomeranos, Rodeio, Ascurra, rib. São Paulo, Guaricanas, Aquidaban, naquele bucólico município de Blumenau do ano de 1900.

Sendo um ou sendo outro, foi um sonhador e como tal e qual, mascarado de anarquista italiano: sonhou e como se sonhasse passou como gente, e como vulto ficou na História.

CRÔNICA DE 1915

PE. ANTÔNIO FRANCISCO BOHN

No segundo livro de Tombo da Paróquia São Paulo Apóstolo, página 5, encontra-se uma Crônica resumida da Paróquia. Ei-la na íntegra: "Foi no ano de 1850 que teve início este núcleo colonial, situado na confluência do Rio Garcia com o Rio Itajaí, hoje a

florescente cidade de Blumenau. O Dr. Germano Blumenau, colonizador alemão, subindo o Rio Itajaí, aportou no dia dois de setembro nestas paragens e escolheu no então imenso mato virgem este lugar para sede de uma colônia alemã.

Os primeiros colonos eram umas dezessete pessoas, mas o ano de 1852 veio trazer mais 110 colonos, o ano de 1854 mais 147 e assim por diante foi crescendo o número de braços destros no desbravamento das matas virgens portadoras de cultura, civilização e prosperidade a estas regiões, até então dominadas exclusivamente por índios e feras. Tanto o fundador do núcleo como os primeiros colonos eram protestantes, sendo muito poucos os colonos católicos até o ano de 1861, ano este porém que viu chegar uma turma de imigrantes católicos no número de 150, o que deu origem à construção da primeira capela. Terminada esta capela primitiva em 1864 foi visitada trimestralmente pelo então vigário de Gaspar, o Rev. mo Pe. Alberto Francisco Gattone até o ano de 1870 quando levantaram uma nova capela maior, na qual parouquiou durante três anos o Rev. mo Padre Guilherme Roemer. Após este mês de junho foi solenemente instalada a nova paróquia e empossado o seu primeiro vigário, o Rev. mo Pe. José Maria Jacobs, estando presentes a este ato todas as autoridades civis do lugar, os quais assinaram o respectivo auto conforme está no Livro de Tombo, folhas 1 e 2. A nova paróquia confrontava ao Leste com a paróquia de Gaspar, ao Norte com a de Joinville, ao Oeste com os distritos de Curitiba e Lages e no Sul eram as vertentes dos Rios Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim que formavam os seus limites, compreendendo destarte um sítio quase imenso de mata virgem, interrompida cá e lá por uns vinte núcleos coloniais mais ou menos.

Aos primeiros colonos, que eram exclusivamente alemães, foram-se juntando no correr dos anos, colonos de outras nacionalidades, mormente italianos, polacos, e umas poucas famílias luso-brasileiras. O Rev. mo Pe. José Maria Jacobs trabalhou com zelo extraordinário no desenvolvimento da paróquia, ora na matriz, tornando-a uma casa digna de culto divino, dotando-a a seu custo de alfaias e imagens, ora, na instrução da mocidade, abrindo escolas e colégios, o colégio de São Paulo, fundado em 1885, o qual foi por muitos anos o único instituto de ensino superior nesta província ora visitando as colônias afastadas, levantando capelas e suavizando de todas as maneiras a vida dos primeiros colonos tão cheia de sacrifícios.

Finalmente em 1892, exausto e adoentado por tamanhos trabalhos, com autorização diocesana fez entrega da sua paróquia com as 13 capelas filiais à Ordem Franciscana, fazendo ao mesmo tempo à dita Ordem doação de todos os bons móveis e imóveis que nesta praça possuía, impondo-lhe a obrigação de serem conservadas e continuadas as suas instituições e querendo retirar-se para a sua terra natal veio a palear na Santa Casa do Rio de Janeiro, vitimado pela febre amarela. Qde Deus recompense largamente no céu ao seu servo fiel, que soube tornar-se mesecedor de eterna gratidão desta paróquia.

Estando confiada a cura de almas deste distrito à Ordem de São Francisco, em particular ao respectivo superior do Convento, que em breve se levantou nas proximidades da matriz, teve esta paróquia a honra de visita

canônica de seus antistites Diocesanos a saber: em 1895 e outra vez em 1902 a visita do Ex. mo e Rev. mo Senhor Dom José de Camargo Barros, primeiro Bispo dos Estados de Santa Catarina e Paraná, em 1905 de seu sucessor, do Ex. mo e Rev. mo Senhor Dom Duarte Leopoldo da Silva, em 1909 a visita do primeiro Bispo do Estado de Santa Catarina, Dom João Becker e em 1915 a de seu sucessor, o Ex. mo e Rev. mo Senhor Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Precisan-do os franciscanos de uma parte do vasto terreno da matriz para a construção do convento, a au-toridade diocesana fez doação deste terreno como refere o despacho lançado no livro de Tombo à fls. 29 verso. Tendo crescido rapidamente o número das colônias e capelas no quadro desta extensíssima paróquia, foi separado da mesma em 1901 por Dom José de Camargo Barros o distrito de Rodeio e elevado à categoria de paróquia independente, em 1911 foi separado o distrito de Massaranduba por Dom João Becker e

em 1912 o distrito de Luiz Alves pela mesma autoridade diocesa-na, ficando desta maneira reser-vada à paróquia de Blumenau a parte sueste do antigo distrito da colônia com umas oito cape-las filiais e um número total de 5 para 6 mil católicos. Sob a di-reção espiritual da Ordem Fran-ciscana, esta paróquia tem pro-gredido extraordinariamente não somente no que diz respeito ao número de fiéis, mas principal-mente no desenvolvimento bri-lhante da vida católica, já pela regularidade e beleza das fun-ções do culto e das festas ca-tólicas, já pela facilidade cres-cente de comunicações com a se-de paroquial e mormente pelo ze-lo e a atividade dos vigários que souberam impulsionar a prática da vida cristã por meio de mis-sões, catequese, conferências, as-sociações (Apostolado), Filhas de Maria, Ordens Terceiras, Mães Cristãs, Irmãos de São José, etc.) por numerosas escolas paroquiais e pela boa imprensa, o que todo mês dão os algarismos do quadro sinóptico de que segue:

Paróquia de Blumenau em 1915:

	1895	1905 (sem Rodeio)	1915	
Paroquianos	4-5.000	6-7.000	7-8.000	(sem Massaranduba e Luiz Alves)
Batizados	297	400	470	
Casamentos	47	46	50	
Viáticos	—	150	180	
Confissões	3.900	16.000	26.000	
Comunhões	4.000	38.000	66.000	
1as. Comunhões	—	130	460	
Catequese e Conferências	—	1.085	1.250	
Práticas	200	500	520	
Ordem Terceira	—	230	200	
Apostolado da Oração	—	800	1.250	
Filhas de Maria	—	200	180	
Damas da Caridade	—	120	130	
Irmãos de São José	—	100	120	
Escolas Paroquiais	6	21	12	
Alunos	250	600	500	

Vigários da Paróquia de Blumenau:

- 1861—1870 - Pe. Alberto Francisco Gattone (vigário de Gaspar).
1870—1873 - Pe. Guilherme Roemer
1873—1876 - Pe. Carlos Boegershausen (vigário de Joinville)
1876 - Pe. João Maria Cybeo, jesuita.
1876—1892 - Pe. José Maria Jacobs (primeiro vigário colado)
1892—1895 - Pe. Zeno Wallbroehl, O.F.M.
1895—1898 - Pe. Herculano Limpinsel, O.F.M.
1898—1902 - Pe. Zeno Wallbroehl, O.F.M.
1902—1904 - Pe. Wendelino Winkens, O.F.M.
1904—1905 - Pe. Crisólogo Kampmann, O.F.M.
1905—1909 - Pe. Marcelo Baumeister, O.F.M.
1909—1911 - Pe. Oswaldo Sohlenger, O.F.M.
1911—1912 - Pe. Solano Schmitt, O.F.M.
1912—1914 - Pe. Oswaldo Sohlenger, O.F.M.
1914 - Pe. Marcelo Daumeister, O.F.M.
1915 - Pe. Marcelo Daumeister, O.F.M.

ATLAS LINGÜÍSTICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL PERMITE CORRIGIR VERBETES DE AÇORIANISMOS NOS DICIONÁRIOS

Dr. Oswaldo A. Furlan* - UFSC/ CNPq - Brasil

Atendendo a um plano da Coroa Portuguesa que visava fazer ocupar e povoar o extremo Sul do Brasil, então exposto à invasão dos espanhóis, aos 4.197 catarinenses de 1740, residentes nas três únicas póvoas da faixa litorânea de Santa Catarina (São Francisco 1658, Desterro 1662 e Laguna 1682), associaram-se, segundo W. Piazza (1983:151), 5.492 açorianos, advindos sobretudo das ilhas de São Jorge, Pico e Faial, e 579 madeirenses, o que perfaz 6.071, provocando imediato aumento demográfico de 144,6%. Assentados numa dezena de pontos desde Desterro até Laguna (a parte litorânea central), cedo se expandiram por toda a costa e, por efeito de fértil proliferação, contam, hoje, com cerca de um milhão de descendentes, disseminados na faixa litorânea.

Dentre esses 6.071, cerca de 2.000 transferiram-se, pouco depois, para o lito-

ral do Rio Grande do Sul, onde foram ocupante do interior, ao encaço da pecuária. Sua linguagem foi assimilada, pelo menos em parte, pelas subseqüentes etnias povoadoras (alemães e italianos) e transmitida, por efeito de migração interna efetuada sobretudo a partir do século XX, para quase toda a área central e oeste de Santa Catarina.

Em vários textos (sobretudo os de 1982a, 1982b, 1987, 1989 e 1992), apresentando resultados progressivos de minhas pesquisas feitas desde 1980 sobre a questão da influência lingüística açoriana no português do Brasil, particularmente no que tange ao litoral de Santa Catarina, tenho informado que alguns traços lingüísticos não estariam hoje em uso nesse Estado se não tivesse havido nele a imigração açórica, tais como, por exemplo, em ampla área litorânea: a subsistência do tratamento familiar pela segunda

pessoa do singular (substituído por "você", resíduo de "Vossa Mercê", em quase todo o Brasil, por efeito de processo iniciado já no século XVIII); com certo grau de probabilidade, a pronúncia alveopalatal, (chiada) do /s/ final de sílaba; com certeza, os vocábulos GUEXA, CHAMARRITA e BERNÚNCIA, cujo uso léxico-semântico constitui objeto particular da presente comunicação.

O projeto do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), já em fase final de implementação, inclui, quanto a Santa Catarina sondagem da introdução e subsistência atual de termos de origem açoriana, italiana e alemã. Solicitou-se aos informantes declararem o nome com que os moradores da região designavam objetos, sua pronúncia, difusão e acepções. Aplicado em 80 dentre os cerca de 230 atuais municípios de Santa Catarina, a pesquisa verificou, quanto ao uso de termos de origem presumidamente açoriana, que alguns deles (assim, **tirana** como dança; **império** como festejos e/ou santuário das insígnias do Espírito Santo; **juréia** como mar agitado) subsistem apenas na faixa litorânea, mas que apresentam difusão em área maior os termos BERNÚNCIA, GUEXA e, com proliferação semântica, CHAMARRITA.

1. BERNÚNCIA — "Brenúncia, bernúncia, bernunça, bernuça", tais são as variantes morfo-fonêmicas mais difundidas, em Santa Catarina, de um substantivo que designa uma figura fantástica de bicho devorador no folguedo "boi-de-mamão" conhecido também por "bumba-meu-boi" que pontilha o mapa do Brasil, sobretudo sua faixa litorânea leste. Mas a denominação dessa figura pelo nome de **bernúncia** ou suas variantes não ocorre, no Brasil, senão na área de cultura açoriano-catarinense, razão pela qual o "Novo Dicionário AURÉLIO" (1986) registra, com acerto, essas designações como "catarinensismos". Novas edições dele, porém, já não poderiam omitir o étimo desse verbete, porque, segundo parece, já se esclareceu

bastante derivar ele do termo latino "abrenúntias/abrenúntio" (ao demônio, às suas pompas e às suas obras), ocorrente no ritual do batismo; usual, ainda hoje, em Portugal continental, nos Açores e nas ex-colônias lusas de África, com variantes, como interjeição de repulsa ("Deus me viva!", "Esconjuro-te!"), esse termo, certamente trazido pelos açorianos ao Brasil, sofreu processo de substantivação no falar açoriano-catarinense, conforme procurei demonstrar alhures (1989:163-164 e 1992:139-140), avançando proposta pioneira de Frei Odorico Durieux (1965?).

2. GUEXA — O Dicionário Aurélio registra: "GUEXA (ê). (Do açoriano gueixo, 'novilho'.) S.f. Bras. Rio Grande do Sul. V. 'burra'.

Segundo me propus demonstrar alhures (1989:164-169 e 1994:140, (a) no Sul do Brasil, o termo deve qualificar-se como açorianismo, já que ele não está em uso senão em áreas povoadas por açorianos; (b) nos Açores encontra-se em uso também a forma do masculino, que designa "bezerro"; (c) dentre a meia dúzia de propostas existentes de seu étimo, nenhuma resiste à análise morfo-fonêmica e/ou étnico-lingüística; plausível sob todos os aspectos é o étimo que, por primeiro, aí propus, a saber, do flamengo "kheitché", 'cabrito', com base nos cognatos lingüísticos e no fato histórico da presença dos flamengos nos Açores, no século XVI, onde se notabilizaram pela dedicação à pecuária; (e) também em Santa Catarina, o termo estaria em amplo uso; porém, não no sentido de "burra" nem na acepção exclusiva de "égua velha", mas na de égua, predominantemente nova.

A pesquisa do ALERS/SC constatou o seguinte quadro no Estado catarinense: (a) O termo é conhecido e/ou usual em 56 dentre os 80 municípios-ponto, ou seja, 70%, dispersos numa rede que cobre homogeneamente toda a sua área rural. (b) Em 19 municípios-ponto (40%) do centro/oeste, encontra-se em uso a variante

prosódica "güexa", com semivocalização do -u-. (c) Sua acepção geral básica não é a de "burra", aliás jamais referida pelos informantes, nem, predominantemente, a de "égua velha", mas simplesmente de "égua", conforme o seguinte quadro semântico, resultante do somatório de municípios-ponto: égua velha ou nova, 17; égua velha, 17; égua nova ou potranca, 12; égua criadeira ou prenhe, 05; égua após a primeira cria, 02; desconhecimento do termo, 24; pontos prejudicados por omissão da pergunta 03.

Os dados acima fornecidos justificam amplo aprimoramento do verbete nos futuros dicionários

3. CHAMARRITA — O Dicionário Aurélio (1986) registra: "CHAMA-RITA. (De 1. Dança de roda portuguesa da Madeira e dos Açores. 2. Bras. SP, PR, RS. Chimarrita. (Pl. chama-ritas.)" — Note-se, nessas informações, que: pairam dúvidas quanto ao étimo registrado, que tenho por errôneo; logo, faltam bases para assegurar exatidão ortográfica (Chama-Rita?), que merece reexame; Santa Catarina não foi incluída na área de uso do termo em apreço.

A pesquisa (1989:162-164 e 192:140-142) levou-me a constatar o seguinte: (a) Em todas as ilhas dos Açores, CHAMARRITA designa uma dança (e música) popular, a de muito preferida pelos açorianos, tanto que se tornou sinônimo de baile. (b) No Sul do Brasil, o termo deve considerar-se açorianismo, já que os próprios continentais lusos o definem como tal (cf. Dicionário Morais Silva). (c) Um conjunto de dados evidenciam que o termo remonta a samarra, "roupa pastoril de peles ou de palhas", de origem antiga (ocorre em Gil Vicente), que derivou para chamarra ou zamarra em castelhano, termo que originou chamarra + suf. -ita no falar açoriano, em que designa espécie de batina sem mangas", casaquinho, coletinho, samarrilha. Essas informações fundam-se em Joan Corominas, 1976 s.v. zamarra, em Morais Silva, 1948; ver também M. A. Esteves, 1989.

No Brasil Sul (RS e SC), a chamarrita é dançada, nos Centros de Tradições Gaúchas, sob forma coreográfica de um galanteio feito em grupo, por rapazes e moças, seguindo estes movimentos: (1) dispostos em fila, frente à frente, os rapazes sapateiam para as moças; (2) a fila dos rapazes e a das moças se entrecruzam (passeio); (3) as moças dançam em volta dos rapazes postos de joelhos e vice-versa (sarandeio); (4) o grupo se reestrutura.

A pesquisa ALERS constatou a seguinte situação em Santa Catarina: (a) O termo sofreu forte influência da tendência popular à analogia e aparece sob três formas principais: CHAMARRITA (popularmente concebida como CHAMA-RITA), 34 municípios-ponto; CHIMARRITA, 25; e CHINA, isto é, morena, cabocla, RITA, 02; em seis pontos, os informantes desconheciam o termo; em 12, a pergunta foi omitida. (b) O termo encontra-se em uso, ora sob uma variante morfo-fonêmica e semântica ora sob outra, em, ao menos, 62 dos 80 pontos (77%), distribuídos em rede quase homogênea por toda a área do Estado. (c) Do ponto de vista semântico, em ao menos 44 dos 80 municípios, o termo é conhecido e/ou usual para exprimir "dança folclórica de natureza ligeira". Por efeito de analogia ao movimento de ir-e-vir e de ir-ao-redor, ocorrentes na dança, o termo foi capitalizado no sentido de designar, pelo menos na grande Florianópolis e arredores, três outros objetos, a saber: (1) um engenho de farinha de mandioca cuja moenda é rodada por tração animal, 8 pontos; (2) nesse mesmo engenho, o próprio forno ou, pelo menos, o tacho de torrar a farinha, no qual esta é mexida mediante movimento rotatório e/ou de avanço e recuo do rodo, puxado pelas mãos, 8 pontos; (3) um arbusto cujo caule, longo e delgado, faz os referidos movimentos, ao sabor do vento, e cujas raízes lhe valeram, em alguns lugares a denominação de "mata-pasto", além de "assa-peixe", a mais comum. Em 23 pontos, o termo foi reconhe-

cido como sendo designativo de "(marca de) erva-mate moída destinada a fazer o chimarrão". Com certeza, o sucesso dessa acepção enraíza no fato de a indústria dessa erva-mate se situar no centro-oeste do Estado; provavelmente grande parte da população do centro/oeste conhece o termo nesta última significação e deriva o termo de CHIMARRÃO e de RITA, como talvez o tenha feito o próprio criador da marca patenteada.

CONCLUSÃO — Da análise dos três termos em apreço, pode-se concluir o seguinte: (1) As futuras edições dos dicionários precisam aprimorar, completar e/ou corrigir informações no sentido acima apresentado, sob pena de poderem vir a ser acusados de não estarem acompanhando o ritmo evolutivo da pesquisa lingüística. (2) Como evidenciei em estu-

do de 1982, na faixa litorânea de Santa Catarina há vários outros termos cujo uso não se encontraria aí se não tivesse havido a imigração açoriana e que não estão registrados nos dicionários brasileiros ou que neles aparecem senão em acepções outras; de exemplo servem império (salão de festejos e de insígnias do Espírito Santo); roupa d'alma (terno doado a um parente para ser usado em memória do falecido); terno de Reis (grupo de músicos que, no início de janeiro, cantam, de casa em casa, o nascimento de Jesus, objetivando também angariar donativos). (3) O projeto ALERS constatou também, o uso, em áreas ora maiores ora menores, de termos emprestados do alemão, do italiano e, menos, do polonês, que, também eles, ainda não se encontram devidamente dicionarizados.

BIBLIOGRAFIA

- COROMINAS, Joan. Dicionario crítico etimológico de la lengua castellana. Madrid: Gredos, 1976. 4 v.
- FERREIRA, Aurélio de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ESTEVES, Maria A. T. de Fraga. Nas voltas da chamarrita. Texto policopiado, 7 p. Ed. em Correio dos Açores, Ponta Delgada, 26-01-1989.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense. Tese de doutoramento, Rio de Janeiro, Universidade Federal, 1982a, 420 p., il., inédita.
- Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense. Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, n. 40, p. 629/646, 1982b.
- O português dos catarinenses de ascendência luso-açoriana comparado com o português europeu. Estudos Lingüísticos e Literários. Salvador, Universidade Federal, Instituto de Letras, n. 5, p. 227-253, dez. 1986.
- Vertentes étnico-históricas do atual português dos catarinenses de ascendência luso-açoriana. In: SEMANA DE ESTUDOS AÇORIANOS, 2. Florianópolis, UFSC, jul. 1987. Anais... Florianópolis, EDUFSC, 1989, p. 78-95.
- Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina. Florianópolis, Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina, 1989, 241 p.
- Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina. Insulana, Ponta Delgada, Açores, v. 45, p. 5-32, 1989a.
- Traços fônicos surpreendentes no açoriano (Portugal) e no açoriano-catarinense (Brasil). Revue de Phnétique A., Belgique, n. 91-92-93, 1989b. p. 227-233.
- Influência açoriana no léxico de Santa Catarina (Brasil): nomes comuns, antropônimos e topônimos. Anais do Museu de Antropologia 1987/1988. Florianópolis, n. 19, março de 1992, p. 133-167. Foi publicado também em SEMANA DE ESTUDOS

AÇORIANOS E CATARINENSES, 3, Anais..., Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1993 (?).

PIAZZA, Wálter F. Santa Catarina: sua história. Florianópolis, Universidade Federal/Lunardelli, 1983, 748 p.

* OSWALDO A. FURLAN é Professor Titular de História da Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil), bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa, ex-bolsista do ICALP/Portugal (1984/85), Coordenador, para Santa Catarina, do projeto do Atlas Linguístico da Região Sul do Brasil e autor de uma dezena de livros na área de Letras Clássicas e Vernáculas.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta

Dados cronológicos da vida do Padre Tercílio Chiarelli, vocação salesiana de Val Nova.

Tercílio Chiarelli, nasceu em Ascurra, no dia 13 de dezembro de 1913. Seu pai, Francisco Chiarelli, casado em primeiras núpcias com Rosália Cani, era pessoa trabalhadora, dedicada, de grande fé e tenacidade. Enfrentou ao longo de vários anos problemas de doença tanto de Dona Rosália, da qual nasceram Tercílio e mais seis irmãos, quanto da segunda esposa que trouxe ao mundo 13 filhos. Por muitos anos desempenhou a função de fabricante da Igreja Matriz de Ascurra, percorrendo, além disso, as localidades vizinhas afim de auxiliar o Padre Leão Muzzarello a angariar meios necessários para a construção do aspirantado. Esse serviço prestado pelo pai à congregação salesiana, mais especificamente à igreja matriz, e sua palavra animadora, calaram na mente e no coração do menino Tercílio, e lhe deram ânimo para seguir a carreira sacerdotal.

Iniciou seus estudos no aspi-

rantado de Ascurra em 1926, sendo o mais antigo ex-aluno do Colégio São Paulo. Coursou o ginásio em Lavrinhas (SP) e vivido em Campinas no mesmo Estado, o ano de noviciado em 1932, professando em 28 de janeiro de 1933. Fez em seguida filosofia no Colégio São Manoel, em Lavrinhas, de onde foi enviado a Niterói (RJ), local de vivência prática como assistente e professor nos anos de 1934 a 1937. O Instituto Teológico Pio XI, no Alto da Lapa em São Paulo, o acolheu de 1939 a 1941, como estudante das Ciências Sagradas, nos quatro anos de preparação próxima ao ministério sacerdotal. Em 8 de dezembro de 1941, foi ordenado sacerdote. Após ter sido recebido na ordem presbiterial, foram-lhe confiados serviços próprios das Casas Salesianas, como conselheiro, economo e diretor. Em 1942, foi designado para exercer a função de Conselheiro Escolar, no Colégio São Joaquim de Lorena, SP. De

1943 a 1946, na mesma função na cidade de Campinas bem como em Araxá, MG, de 1947 a 1949; e no período de 1950-1951, nomeado pela Inspetoria, Ecônomo, em Niterói, RJ. Inicia-se o seu período de diretorado: 1954-1956, Diretor em Araxá, ano em que deixa a Inspetoria de São João Bosco, de Belo Horizonte, MG e vem para a recém-criada Inspetoria São Pio X, inicialmente com sede em Rio do Sul, SC, e depois implantada em Porto Alegre, RS. Assume imediatamente o economato em Rio do Sul, em 1960 e nos três anos seguintes, de 1962 a 1964, é designado diretor do Colégio de Bagé, RS. Em 1965, retorna à Santa Catarina para ser o Vigário Paroquial de Joinville e no ano subsequente vem a Ascurra para ser o ecônomo do aspirantado, continuando no mesmo cargo, em 1967, porém, em Santa Rosa, RS. Retorna em 1968 a Rio do Sul para exercer o magistério, e de 1969 a 1972, assume o cargo de Ecônomo em Campinas, na Escola São José, nesta época sob a direção do Padre Juvenal Zonta. Volta para a Inspetoria São Pio X e no Colégio São Manoel, exerce a função de Ecônomo, na capital Porto Alegre. Nos quatro anos seguintes encontramos em Itajaí, lecionando no colégio salesiano e durante vários anos, exercendo o ministério sacerdotal como Vigário Paroquial e Capelão em diversas obras confiadas à Inspetoria São Pio X. Em 1978-1979, encontramos-lo em Rio do Sul, inicialmente como Vigário Paroquial e depois como Pároco. Nos anos de 1980-1983 continua como Vigário Paroquial em Rio dos Cedros, SC, assumindo a direção da obra, neste município em julho de 1982 até dezembro de 1983. De julho de 1984 até dezembro de 1989, é Vi-

gário Paroquial em Rio do Sul, seguindo para Bagé em 1990, para atender aos fiéis que costumam frequentar a Capela de São João Batista e já tendo problemas de saúde.

Padre Tercílio Chiarelli, foi homem de trabalho físico, não sem reconhecer a participação de seus irmãos salesianos. Já septuagenário, passava horas na horta, como forma, falava, de fazer exercício.

Não só o trabalho físico lhe foi característico, mas também o labor intelectual expresso no magistério dos idiomas francês e inglês. Costumava, também, compor artigos e enviá-los aos jornais para publicação. E, conhecedor da arte do bem redigir e da arte oratória de Vieira, procurava a correção de termos e orações nas pregações que fazia. Amava profunda e sinceramente a Congregação.

Padre Tercílio viveu pobre, apesar de durante dezessete anos passar-lhe pelas mãos milhões, mas para beneficiar as famílias e meninos pobres. Procurou alimentar sempre a Espiritualidade com práticas e exercícios próprios do estilo de formação que recebera, tendo sempre consciência das limitações pessoais. Era zeloso na celebração das missas.

Em 13 de abril de 1992, Padre Tercílio foi acometido por acidente vascular cerebral, tendo sido prontamente removido para o Hospital São Sebastião e ficou confirmada a gravidade da ocorrência. Durante três semanas permaneceu no Centro de Tratamento Intensivo sem manifestar melhora de estado clínico.

Às 3:00 h do dia 19 de maio de 1992, após 79 anos de peregrinação terrestre, dos quais, 60 como salesiano religioso e 50 como sacerdote, devolve sua vida a Deus.

A missa de corpo presente foi celebrada na Paróquia São Pedro de Bagé, presidida por Dom Laurindo Guizzardi, Bispo da Diocese e concelebrada pelo Inspetor Salesiano Padre Helvécio Baruffi e grande número de sacerdotes salesianos e diocesanos, alguns vin-

dos da fronteira com o Uruguai. Centenas de pessoas acompanharam as solenidades fúnebres, prestando as últimas homenagens ao Padre Tercílio Chiarelli, cujo corpo foi sepultado no jazigo dos salesianos, no Cemitério Municipal de Bagé, RS.

— Continua as Reminiscências nas próximas edições desta Revista.

FIGURA DO PASSADO

Cel. Gustavo Lebon Régis (1874-1930)

Júlia Nascimento Régis

Filho de Alexandre Justino Régis e de D. Luiza Eugênia Lebon Régis, nasceu o Cel. Gustavo Lebon Régis no Município de Joinville, Estado de Santa Catarina, em 18 de fevereiro de 1874.

Aos 15 anos de idade, convalescente de enfermidade que o combalira, foi mandado por seu pai para Campo Alegre, no mesmo Estado. Naquele excelente clima, ao mesmo tempo que recuperava a saúde, estudava e trabalhava como modesto empregado da casa comercial do Sr. Francisco Bueno Franco, honrado negociante daquela localidade, amigo de seu pai.

Em excursão pelo interior do Estado, passou Lauro Müller por Campo Alegre onde o conheceu e por ele se interessou, aconselhando-o a que se esforçasse por seguir a carreira militar, procurando ingressar na Escola da Praia Vermelha.

Seguindo este conselho amigo, em 1892, obteve de seu pai que o mandasse para o Rio de Janeiro, onde, em 7 de março do mesmo ano, conseguia assentar praça no Corpo de Alunos da Escola Militar, efetuando matrícula

no seu curso preparatório.

Galgara o ano do curso com excelentes graus, quando teve início a revolta de 93. Apresentou-se para prestar serviços à República, sendo pouco depois comissionado no posto de 2º. Tenente. Fez parte da coluna do heróico General Carneiro cuja resistência impediu a continuação do avanço dos revoltosos para S. Paulo, salvando assim a República nascente. Sua atuação foi grandemente destacada na referida coluna e, no memorável cerco da Lapa, caiu gravemente ferido, dando vivas à República, no mesmo combate em que foi morto o inesquecível Comandante e animador da resistência, Gen. Carneiro. Entre a vida e a morte, foi deixado na cidade depois da rendição, salvando-se graças a generosa dedicação do Farmacêutico Olympio Westphalen que o tratou e abrigou.

Curado, dirigiu-se para Santa Catarina, onde, por algum tempo, esteve sob as ordens do Cel. Moreira César. Voltou ao Rio de Janeiro depois de uma desavença com aquele Coronel, por ter deixado de cumprir uma determinação do mesmo contrária ao direito das

gentes e aos naturais sentimentos brasileiros: recebera ordem de conduzir alguns presos e... «si eles tentassem fugir no caminho...». O então Tenente Lebon conduziu os presos sem que nada lhes tivesse acontecido, o que desagradou aquele Coronel.

Continuando o curso da Escola Militar, teve o mesmo interrompido em 1895 porque, tendo havido na Escola uma vaia a uma autoridade, embora não tivesse tomado parte na mesma, era exigido, para evitar a punição, que declarasse «não haver tomado parte nos atos indecorosos dos seus camaradas», o que se recusou a fazer.

Reingressou na Escola em 1896 e, em 1899, tendo-se amotinado o contingente do referido Estabelecimento contra o oficial de dia, o Ten. Lebon Régis, que entrava no momento, conseguiu dominar o motim e prender os revoltados, sendo por isto louvado em ordem do dia.

Terminou brilhantemente os estudos, sendo o Curso Geral em 1900 e em 1902 o curso especial de Artilharia e Engenharia, sendo-lhe conferido o título de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas.

Ainda em 1902 foi servir na guarnição de Sta. Catarina, sendo no mesmo ano promovido ao posto de 1º Tenente e eleito Deputado à Assembléia Estadual.

Dedicou-se, a partir de então, à política e à administração de seu Estado, tendo sido líder e Presidente da sua Assembléia.

Em 1904, fundou a Sociedade de Agricultura local e no ano seguinte promoveu uma Exposição de Agricultura em Florianópolis.

Em 1908 foi o organizador do Pavilhão do Estado na Exposição Nacional, sendo de notar que foi Sta. Catarina o único pequeno Es-

tado que teve um pavilhão isolado, destacando-se ele pela sua boa organização e por ser todo construído com material catarinense.

Foi ainda Chefe do Serviço do Povoamento do Solo em Sta. Catarina e Prefeito de Florianópolis, onde promoveu muitos melhoramentos.

De 1911 a 1915, no Governo do Cel. Vidal Ramos, foi Secretário Geral do Estado, isto é, Secretário de todas as pastas. Neste posto destacou-se pela sua atuação na pacificação dos fanáticos do Contestado e pelo impulso dado à Instrução Pública no Estado. Deu a esta notável incremento, sendo o iniciador dos Grupos Escolares e atingindo Sta. Catarina a posição de segundo Estado do Brasil em matéria de Instrução Pública, sendo superado apenas por S. Paulo.

Foi eleito deputado federal em 1915, tendo na Câmara Federal defendido com carinho os interesses do Estado, dedicando-se com especial ardor as questões do ensino e aos problemas das populações de origem estrangeira. Contribuiu também, neste período, para a solução da questão de limites Paraná-Sta. Catarina.

Em 1918, para evitar uma cisão na política de Sta. Catarina que viria comprometer a chefia de Lauro Müller a quem considerava o seu maior amigo, nunca esquecendo ter sido o seu iniciador na vida pública, retirou a sua candidatura, renunciando em favor de outro membro do P.R.C. que a cobiçava, a sua cadeira na Câmara Federal, abandonando a política. Havia sido promovido ao posto de Capitão em 1908 e foi promovido ao de Major em 1916. Em 1918 foi designado para representante de Sta. Catarina na Comissão de

Limites Paraná-Sta. Catarina, missão em que permaneceu até o início de 1920. De 1920 a 1923 serviu na Diretoria de Engenharia do Exército, tendo sido encarregado de diversas obras e repetidas vezes elogiado pelos trabalhos realizados. Em 1921 foi promovido ao posto de Tenente-Coronel.

De 1923 a 1924, Lebon Régis comandou o 4.º Batalhão de Engenharia, em Itajubá, para onde foi mandado para apaziguar ressentimentos existentes entre a população daquela localidade e o Batalhão, o que conseguiu plenamente, deixando aquele Comando estimado e respeitado por todos, quer daquela unidade do Exército quer da população civil. Foi durante este período repetidas vezes elogiado, notadamente pela sua atuação durante o movimento revolucionário de 1924 e pelo serviço de salvação e auxílio da população de Itajubá durante uma inundação ali havida, tendo sido salvas muitas vidas. Em 1923 foi promovido ao posto de Coronel. De 1924 a 1928 voltou a servir na Diretoria de Engenharia. Em julho de 1928 foi nomeado Diretor do Colégio Militar de Porto Alegre, posto em que permaneceu até o início de 1930, tendo realizado inúmeros melhoramentos materiais e educacionais naquele estabelecimento, reformando completamente o seu edifício, revigorando a disciplina e intensificando os trabalhos escolares. Em 1930 foi nomeado Comandante do Corpo de Bombeiros da Capital Federal. Embora já doente do mal de que viria em breve a falecer, uma insuficiência cardíaca, sua ação foi de inigualável eficiência, criando grandes melhoramentos naquela corporação, sendo voz corrente entre os denodados soldados do fogo que nos pou-

cos meses do seu comando fizera o Cel. Lebon Régis mais por aquela brilhante corporação do que qualquer dos seus antecessores em anos de exercício.

Em 8 de junho de 1930, dando ainda tudo do seu esforço ao serviço público, falecia o Cel. Gustavo Lebon Régis de um colapso cardíaco, tendo trabalhado, apesar de já grave o seu estado, até a véspera do falecimento.

A vida do Cel. Lebon Régis pode ser sintetizada nestes três traços característicos: honradez — operosidade — espírito organizador. A sua honradez de atitudes, honradez do escrúpulo no manuseio dos dinheiros públicos — eram proverbiais. Certa ocasião, um jornal da Capital da República, referindo-se a ele numa simpática pílheria, dizia: o Deputado Lebon Régis, o mais feio e o mais honesto dos membros da Câmara ... A honradez de suas atitudes está estampada nos fatos relatados da sua vida pública. Da sua honestidade no manuseio dos dinheiros públicos diz a sua vida: ocupando sempre destacados cargos públicos e lidando muitas vezes com avultadas verbas, viveu sempre modestíssimamente, deixando à sua esposa apenas uma casa de residência e seu montepio. Da sua operosidade dizem inúmeros fatos. Certa ocasião desempenhava, todos eficientemente, os seguintes cargos: Secretário Geral do Estado, Presidente da Assembléia; Chefe do Serviço de Povoamento e Prefeito da Capital. Recusava-se a receber os honorários de Prefeito de Florianópolis porque as finanças do Município não eram boas, tendo recebido o cargo com os cofres vazios, e, sendo engenheiro, dirigia pessoalmente certas obras que a prefeitura realizava, para

assim fazer economias e ativar os trabalhos. Certa vez, em férias, de passeio em Campo Alegre, localidade que muito estimava por lá ter recuperado a saúde e lá ter conhecido Lauro Müller na sua adolescência, empregou o seu tempo de lazer auxiliando os dirigentes locais a resolver as dificuldades políticas e econômicas do Município, empreendeu obras dirigindo pessoalmente o serviço de aruamento da sua rua principal, tudo isto tendo como única recompensa a satisfação de prestar serviços àquela boa terra, pois que naquela época já havia abandonado completamente a política e, pos isto, nem sequer o prestígio eleitoral poderia procurar. Quando em serviço na Diretoria de Engenharia, fundou, com outros Engenheiros militares, o Instituto de Engenharia Militar de que foi grande animador. Posteriormente criou a Cooperativa de Construção Predial do mesmo Instituto, de cuja idéia surgiu atualmente a Caixa de Construções para os Oficiais. Do seu espírito de organizador e administrador dizem as suas realizações em todos os postos que ocupou. Fazia sempre o máximo, despen-

dendo sempre o mínimo. Quando era Deputado Federal, exercia, sem qualquer provento, o cargo de Tesoureiro da Sociedade Nacional de Agricultura, de que era Presidente Lauro Müller, reorganizando-lhe as finanças de tal forma que, tendo recebido a função com o cofre vazio e os ordenados e demais pagamentos em atraso, aumentou os ordenados dos funcionários, pagou todas as dívidas e ao passar o cargo deixou o cofre abundantemente provido.

Haverá outros brasileiros mais brilhantes pelos sucessos políticos, literários, oratórios etc., dificilmente porém encontrar-se-á que o tenha ultrapassado em honradez, caráter, operosidade e eficiência administrativa em todos os cargos que lhe foram confiados na vida pública.

Se acrescentarmos ao que ficou dito: na vida particular, a personificação da integridade, chefe de família mais do que exemplar e amigo capaz de todos os sacrifícios, teremos exprimidos em termos ainda muito aquém do que seria justo o que foi o Cel. Gustavo Lebon Régis.

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

— DIA 08/02/1945 — O jornal divulga medidas adotadas pela Prefeitura relativas ao racionamento de carne, banha, açúcar e outros alimentos, em face da escassez causada pela guerra.

— DIA 10/02/1945 — É destaque nas páginas esportivas, a vitória da seleção brasileira de futebol sobre a do Uruguai, no certame extra do Campeonato Sulamericano. O triunfo foi de 3 a 0, com gols de Heleno (2) e Rui. A equipe brasileira jogou com: Oberdan, Domingos e Begliomini; Biguá, Rui e Jayme; Tesourinha, Zizinho, Heleno, Jair e Ademir.

— DIA 14/02/1945 — Em manchete, o jornal informa em sua página de esportes, que a seleção do Brasil estava na liderança do sulamericano de futebol.

— DIA 11/02/1945 — A partir desta data, assumiu as funções de vigário da Paróquia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, frei Joaquim Orth, substituindo o até então vigário frei Gentil Scheid. Frei Joaquim Orth foi transferido de Porto União para Blumenau.

«O CONTESTADO» EM NOVO ROMANCE

Informa o escritor Aracylto Marques que seu livro sobre o Contestado, — «Demônios do Planalto» —, será publicado neste ano. Embora o autor seja baiano e radicado no Paraná, seu livro é o melhor e mais vivido de todos que conheço, cujos originais tive ocasião de ler em primeira mão. Para sua realização, o autor fez imensa pesquisa visando se manter dentro dos limites básicos daquilo que realmente ocorreu, embora se trate de um romance histórico dos mais absorventes. A paisagem da região, os personagens, os costumes, a linguagem e tudo o mais é de uma autenticidade admirável. Como já se afirmou, sobre o Contestado muito foi escrito mas pouco foi dito. O livro de Aracylto será, sem dúvida, uma contribuição importante, difícil de ser superada, no gênero.

E por falar em Contestado, está excelente o trabalho de Fernando Tokarski a respeito da decadência da economia ervateira, publicado no suplemento «Anexo» (**A Notícia**, 04/12/94). Num texto enxuto e corajoso, ele colocou em pouco espaço uma realidade que, embora triste, é inegável e precisa ser revertida, se é isso possível. O articulista se revelou grande conhecedor da região ervateira. Uma região que, aliás, não encontrou até hoje o seu ficcionista, o escritor que fixasse num romance, novela ou coletânea de contos esse imenso filão inexplorado e rico.

PALAVRA E AÇÃO

Realizou-se em Florianópolis, com a participação de expoentes das letras, um debate sobre a identidade da literatura catarinense. Fiquei cogitando aqui comigo que essa tarefa talvez fosse mais adequada ao comissário Maigret, especialista emérito na identificação de figuras tão difusas que às vezes até parecem inexistentes. Como, porém, o intuitivo policial de Simenon parece ter se aposentado, perplexo talvez diante da brutalidade do crime nos dias de hoje, arrisco o meu palpite. Embora todo debate seja útil, ao menos como passatempo ou para revelar a erudição dos debatedores, entendo que a nossa literatura precisa de mais ação. Nossas bibliotecas públicas são poucas, pobres e desorganizadas. A grande maioria das cidades do Estado não tem bibliotecas públicas e nem livrarias. Estas últimas, creio que não chegam a cinquenta, mesmo incluindo aí aquelas que mais vendem brinquedos de plástico e material de escritório do que livros. É nisso que o próximo Secretário da Cultura precisa investir, estimulando prefeitos, escolas, clubes etc. Restaurar o Projeto Autor/Escola e as visitas coletivas de nossos autores e artistas, a exemplo do que a FCC fez algumas vezes em outros tempos, seriam providências bem recebidas

pelas comunidades visitadas. Grandes e arrojados projetos culturais pouco resolverão porque é certo que não serão executados em virtude de sua complexidade e da crônica falta de verbas para fins culturais. São necessárias providências práticas e simples, realizadas por pessoas que conheçam a realidade estadual. E isso não apenas em relação às letras, mas também às outras áreas da cultura. Sem isso, discutir a identidade de nossa literatura continuará sendo um debate a respeito de uma hipótese.

PRESENTES E AUSENTES

No volumoso «Dossiê Drummond» (Editora Globo — S. Paulo — 1994), onde Geneton Moraes Neto enquadrou o poeta em corpo inteiro, através de entrevistas, depoimentos, reportagens, notas de diário e outras fontes, não encontrei o nome de um só catarinense. Entre escritores, poetas, jornalistas, artistas, políticos ou simples conhecidos, fica a impressão de que Drummond não cruzou com um só dos nossos, ou, se isso aconteceu, não deixou marca alguma. Em compensação, o número 6 da revista «Literatura», publicada em Brasília, aparecem Emanuel Medeiros Vieira, Celestino Sachet, Herculano Farias, Alcides Buss e notas sobre outros. Publica também um continho meu. Mas na coletânea «Salvo Melhor Juízo», da Editora do Escritor, sou o único daqui a comparecer.

FEBRE

Uma febre de lançamentos acometeu o Estado no ano que passou. Foram autografadas coisas incríveis, com os títulos mais estranhos, creio que muitas delas lançadas como mero pretexto para o coquetel e a festa. Uma verdadeira maratona para desmoralizar de vez os lançamentos. Cheguei à conclusão, ainda que tardia, de que registrar esses lançamentos, mesmo que em curta nota, é a forma perfeita para espantar o eventual leitor. E por isso, a partir de agora, só registrarei aquilo que me pareça obra de um esforço sério, com a intenção de dar alguma contribuição. Ficarão os leitores livres dos pirões e miscelâneas mais apropriadas a provocar ressaca do que o prazer da leitura.

TRÊS NOTAS

Em «Praça dos Ipsilones», seu mais recente e talvez mais belo livro, Theobaldo Costa Jamundá desfia sua vida vivida em poemas repassados de gratidão e amor à terra e à gente catarinense, revelando a transformação em autêntico barriga-verde desse oriundo das margens recifenses do Capibaribe. Homens, lugares e livros que sedimentaram a união profícua passam diante do leitor, relembrados com o carinho de um escritor sensível. Um livro enternecedor e comovente. *** Em seu novo número, — o 11º., — o suplemento «Ô Catarina!», publicado pela FCC, destaca o escritor e jornalista Carlos Reverbel, sua obra e influência, temas como o teatro e a dança no Estado, o cinema de Pasolini, além de publicar crônicas, poemas, fotos e informações cultu-

rais diversas. Um exemplar substancioso. *** Muito já escrevi sobre a pintura de Paolo Maranca, homem polivalente e artista inquieto, sempre procurando novas técnicas modernas ou pesquisando os mestres do passado na busca constante para descobrir os seus segredos. O resultado tem sido uma obra impressionante, que me fascina pela perfeição dos detalhes e do acabamento. Participando agora de mais uma coletiva em importante galeria paulistana, Maranca bem que mereceria um convite para expor em Santa Catarina. Fica a sugestão.

SETENTÃO

Escrito, segundo alguns, em fins de 1924 ou, como é mais provável, no início de 1925, esse poema célebre está comemorando setenta anos. Seu autor não esclareceu esse ponto, embora declarasse que a partir de 1928 o poema vinha infernizando sua vida em virtude do reboiço que provocou nos meios literários e na crítica. Foi nesse ano que o poema foi publicado, acredito que pela primeira vez, no número 3 da «Revista de Antropofagia», correspondente ao mês de julho. Numa homenagem ao seu autor, transcrevo aqui a propecta e polêmica poesia aniversariante.

NO MEIO DO CAMINHO

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

O Colégio Santo Antônio Blumenau em 1933

O atual ginásio Santo Antônio é o mais antigo colégio dos atualmente existentes no Estado de Santa Catarina. Seu dia de fundação é o dia 16 de janeiro de 1877. Exatamente 4 meses antes chegara a Blumenau o primeiro padre católico, padre Josef M. Jacobs, de Aachen, da região do Reno.

Em outubro, novembro e dezembro, ele visitou seus paroquianos e também os encontrou. Estavam localizados em mais de 20 pontos distantes, mas nunca unicos, sempre separados e distantes uns dos outros, entre pessoas de outra religião. Assim não havia perspectiva de fundar escolas coloniais católicas, pois se numa distância de 10 quilômetros, só moravam a oito a dez famílias católicas, a subsistência de semelhantes escolas seria impossível.

Em 24 de dezembro de 1876 foi inaugurada a recém-construída igreja paroquial e com isto ficou livre a capela de madeira no pátio da Igreja. Ela servia agora de escola, iniciando assim seu trabalho com 17 alunos.

O primeiro professor foi Josef Wamser, Padre Jacobs além do mais, dedicava toda hora livre ao ensino. Até o fim do ano o número de alunos se elevou para 35.

Não muito distante da modesta escola situava-se uma pequena casa residencial, que Nikolaus Deschamps transferira para cá, da «árvore crespa» (esta é a grande figueira, perto dos Reitz, 12 Km rio abaixo do Stadtplatz). Servia como moradia e local de estudo para os alunos que vieram de lo-

cais distantes na colônia, para aqui estudar.

No segundo ano contava-se 60 alunos. O Padre Jacobs, queria alcançar uma educação sólida. Por isto já cedo pensou em classes de continuação. Ele chamou o excelente professor e músico Johann Pies, de Trier e a este o Colégio deve muito pelo seu bom nome. Durante 14 anos trabalhou ali com o mesmo entusiasmo para o bem do colégio até 1892.

Também os professores Thomson, Hermann, como P. Steiner e Karl Krämer foram professores por vários anos, o que foi uma circunstância benéfica para a escola. O sucesso da escola se deve principalmente à persistência, destes bons professores. Nos anos de 1880-1888 o número de alunos variava entre 100 e 130, depois diminuiu por um ano para 90, porque a «Neue Schule» foi inaugurada no Stadtplatz e conseqüentemente ingressaram alunos ali. Nos anos subsequentes a escola apresentou um acréscimo de alunos.

A ampliação material tinha também que acompanhar os passos. Cerca de 60 metros atrás da antiga residência do padre, que estava situada próxima à rua principal, o padre Jacobs, mandou construir em 1884 uma edificação de 2 1/2 andares com 3 janelas de frente. À esquerda uma ala e 1 andar com 6 janelas e uma escada externa; à direita uma construção de madeira com 7 janelas. As salas da dispensa também foram instalada para uso. O presidente da Província da época, Visconde

Alfredo Escragnolle Taunay e seus amigos no Rio, haviam doado para esta construção 4:009\$000.

Mais tarde a antiga capela teve que ser afastada. A estrutura de madeira, foi cuidadosamente desmontada e foi recolocada junto a pequena construção, que antigamente fora a residência de Nikolaus Deschamps. Esta construção enxaimel de cerca de 20 metros de comprimento e 6 metros de largura dava espaço para três classes.

O padre Jacobs cansado entregou em 22 de maio de 1892, a paróquia e escola aos franciscanos e viajou em 16 de junho. Em 1º de agosto foi surpreendido pela morte no Rio de Janeiro, vítima da febre amarela.

Padre Zeno Walbröhl O.F.M. foi seu primeiro sucessor. Seus auxiliares na paróquia e escola foram os padres Meinuljus Gutberlei, Cletus Espey, Solanus Schmitt; os frades Cäsar Elpel e Bertrand Bigge; também professor Bussjäger como cooperadores.

Em princípio de 1895 chegaram de Pernambuco a Blumenau os estudantes da ordem. Os padres Cyriacus e Paschalis eram seus professores. Logo em seguida a parte frontal do centro do Colégio, foi ampliada em 50 metros. Depois seguiu a ala lateral de 1 andar por 100 metros, no qual encontravam-se as salas de trabalho e de estudo.

O Colégio da ordem ficou em Blumenau até fins de 1922, portanto 26 anos e meio. Neste tempo estudaram ali mais de 300 jovens dos quais 108 tornaram-se franciscanos. Os blumenauenses ainda se lembram dos maravilhosos cantos e apresentação dos alunos músicos.

Desde 1895, as Irmãs da Divi-

na Providência assumiram a escola das meninas e também por algum tempo as classes inferiores dos meninos. A partir de 1904 estas últimas foram novamente assumidas pelos franciscanos: padre Beda Koch e Padre Dyonisius Mehus, que foram muitos anos professores. Mais tarde o primeiro foi substituído pelo padre Gabriel Zimmer. Também futuros professores coloniais se destacaram.

Padre Dyonisius em 1908 adoeceu com um mal na garganta e Padre Gabriel em 1912 foi como superior para Lages. No lugar dele veio em maio padre Stanislaw Schütte que em 1932 deixou Blumenau. Padre Dyonisius em 1926 assumiu outra vez seu lugar de professor.

A escola pública assumiu um desenvolvimento natural. Já no tempo de padre Gabriel foi instalada uma bonita sala de aula no novo pavimento de um andar, no adro da Igreja. A preparação ao professorado tomara por si o caminho para a formação de outros cursos, que também eram frequentados por outros jovens, principalmente da classe comercial. Assim em 1915 a última construção teve que ser aumentada por mais um andar de 22 metros de comprimento.

Nesta época estavam cooperando excelentes professores seminaristas, como Paul Arandt e L. Corbetta. Em janeiro ingressou o senhor Karls Wahle como professor. Ele dirigiu fielmente e com muita maestria até 1925, principalmente a classe superior. De 1917 até 1929, estava lecionando no Colégio o padre Genesisus Hansen.

Primeiro na classe média e depois na especializada para religião, física, química e desenho. Seus alunos lhe guardam uma gra-

ta lembrança. Em abril de 1921 chegou padre Ernst Emmendorfer, que logo assumiu a direção do Colégio. Sempre mais o colégio se desenvolveu para tornar-se uma escola especializada. Além do idioma brasileiro e alemão, foram também incluídas aulas de francês, álgebra, Geometria, astronomia, história mundial e estenografia.

O secretário de estado Dr. Arthur José Boiteux, fez uma visita inesperada ao colégio, assistiu as aulas de álgebra, francês e ciências naturais. E conseguiu que alunos com o boletim de conclusão do Colégio Santo Antônio fossem admitidos sem exame de seleção no Instituto Politécnico do Estado.

O professor Oskar Martus e depois dele principalmente o professor Peter Weinand, administraram o ensino da matéria de contabilidade. No ano de 1922 o Colégio Santo Antônio foi anexado ao Instituto Comercial do Rio de Janeiro, e agora reconhecido oficialmente fornecia diplomas de contador. O novo regulamento do sistema de ensino no Brasil no entanto suspendeu a antiga prática.

Anualmente alguns alunos que eram preparados no Colégio Santo Antônio ingressavam no Ginásio. O número destes alunos crescia sempre! Os esforços de transformar o Colégio para Ginásio tornavam-se sempre mais vivos. Padre Ernst fez os contatos necessários neste sentido e desde 1º. de março de 1932 funciona além das classes preparativas, as três primeiras séries do ginásio. Após dois anos, o novo ginásio funcionará em todos seus cursos.

Uma grande mudança na construção realizou-se em 1928. A longa ala lateral foi transformada num pavimento de dois andares que

na parte interna tinha em cima e em baixo um largo corredor. No andar térreo estão as salas de aula, em cima com 70 metros de comprimento: o dormitório e a sala com mais de 30 metros.

No ano seguinte foi preciso adquirir terreno vizinho, pois faltavam acomodações para os professores.

Do campo de futebol, alguns milhares de m³ de terra foram transferidos para a terra comprada e com isto criou-se um bom espaço de recreação, para os alunos menores.

Por 55 anos de trabalho com sucesso, o Colégio Santo Antônio adquiriu uma fama bem merecida. A milhares de alunos transferiu educação e cultura e em sua matrícula constam nomes de homens significativos! Através da formação de mais de 60 candidatos ao professorado, só nos últimos 20 anos, aumentou muito seu círculo de atividades.

Sempre foi objetivo da direção do Colégio, adaptar o ensino à necessidade da época e assim servir da melhor forma à população de Blumenau e redondeza. A mudança do Colégio para Ginásio neste ano, corresponde ao caminho natural do desenvolvimento e era necessário que acontecesse.

Um estudo reconhecido estadualmente só é possível em escolas oficiais. Já há muito Blumenau deixou de ser um distrito colonial e é designada a representar no Estado um papel predominante entre os municípios. Por isto precisava de uma escola superior! Está na particularidade de nossas condições sociais, que é uma vantagem incalculável para as crianças blumenauenses, quando aqui se colocam na situação de serem mais tarde aquilo que nós espera-

mos delas. A criança que para o estudo e sai daqui, chega num outro ambiente que lhe é estranho e que facilmente pode influenciá-la negativamente. O idioma que fala em casa, recebe no melhor dos casos (de acordo com as novas regras de ensino) ainda por dois anos — como idioma estrangeiro. Diferente é, quando a criança pode permanecer aqui para o estudo. Continua na família, ou pelo menos próximo a ela, num ambiente familiar e não se torna estranho a sua casa, sendo favorecida no idioma alemão. O Colégio Santo Antônio aproveita o espaço que o programa escolar oficial lhe oferece, para o ensino do idioma alemão, que não é previsto para os três anos de ginásio. São semanalmente sempre mais aulas! Devagar, mas seguras as crianças chegam a um ponto que no final de seu tempo de ginásio, ao lado do idioma português também falam, lêem e escrevem o idioma alemão. Tam-

bém tomam conhecimento da literatura alemã e seus principais representantes.

Esta posição do Colégio Santo Antônio em relação a nossas condições lhe dá o privilégio para as crianças de idioma alemão ante os outros ginásios. Ele está a serviço do caráter alemão.

O curso preliminar com cinco anos, oferece uma boa formação elementar. Com o término do segundo ginásio chega-se à posição de uma escola alemã média. Assim o Colégio Santo Antônio oferece também àquelas crianças que não querem mais estudar, a suficiente formação para todas as profissões civis.

Os 55 anos passados do Colégio Santo Antônio encerram dentro de si um constante e ininterrupto esforço para o progresso. Que o futuro, com as bênçãos dos céus também lhe tragam ricos frutos na educação e formação científica da juventude.

FONTE : «BLUMENAUER VOLKSKALENDER — 1933 (V 058 B658v) pg. 264

TRADUÇÃO: Edith Sophia Eimer.

(O «Blumenauer Volkskalender» encontra-se no Arquivo Histórico da Fundação «Casa Dr. Blumenau»).

Genealogia - Apêndice ao 11º Ramo da Família Gerent

(Conclusão)

N1-4 — Margarida Martendal, n. 1868, f. Nicolau Martendal, n. 30.04.1839 e Maria Gehrent a 03.11.1888 — cc Matias Longen, n. 1862, f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843 — n/p Pedro Longen, n. 1801 e Maria Gorges, n. 1807. Já descrito em: Cap. I, I Ramo, F2-2.

N2-5 — Maria Longen, n. 1859, f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843, n/p Pedro Longen, n. 1801 e Maria Gorges, n. 1807 — n/m Ana Maria Waltrich, n. 1821. Em 21.10.1896, cas. SAI, L. 6, fl. 21, T 50 — cc Pedro João Gehrent, n. 21.08.1854 — 2º. casamento — f. João Gehrent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821.

Já descrito em : Cap. I, III Ramo, fl. 10. Teve 3 filhos : F1-10, F2-11 e F3-12.
N3-6 — Ana Maria Longen, n. 1861 — f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843 — n/m Ana Maria Waltrich, n. 1821. Em 03.11.1888, casa-se com Nicolau Mueler, n. 1865 (89v-3), f. João Mueler e Catarina Martendal.

N4-7 — Pedro Longen, n. 05.12.1865 — (73v-64), f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843, n/m Ana Maria Waltrich, n. 1821 — n/p Pedro Longen, n. 1801 e Maria Gorges, n. 1807.

Em 29.07.1993. Pedro Ernesto da Silva.

Bibliografia e pesquisas :

Casa dos Jasmins — de Frei Elzeário Schmitt.
Colonização de Santa Catarina — de J. A. Matos.
Fruto da Imigração — de PR. Reitz.
Arquivo Diocese — Florianópolis.
Arquivo Fundação Frei Godofredo — Gaspar.
Arquivo Fundação "Casa Dr. Blumenau" — Blumenau.
Igrejas SAI — Angelina e S. Pedro Apóstolo — Gaspar.
Registro Civil — S. Pedro Alcântara, Angelina, Bom Retiro e Alfredo Wagner.
Entrevistas desde 1986, com parentes e amigos.
A todos, muito obrigado pela cooperação.

APÊNDICE AO CAP. III — FAMÍLIA LONGEN (F4-4).

N5-8 — José Longen, f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843 — n/p Pedro Longen, n. 1801 e Maria Gorges, n. 1807, n/m Ana Maria Waltrich, n. 1821 — b/m Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Wilhelms (Guilherme), n. 1787 — cc Emilia Stein.

B1-1 — Cláudio Longen, n. 01.06.1916, Padre da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, ordenado à 11.10.1942, f. José Longen e Emilia Stein.

N6-8 — Nicolau Longen, f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843 — n/p Pedro Longen, n. 1801 e Maria Gorges, n. 1806, n/m Ana Maria Waltrich, n. 1821, minha bisavó materna, que depois se casou com João Gerent, n. 1822, + (morreu) em 1855, b/m Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Wilhelms (Guilherme), n. 1787 — cc Ana Scherer.

B1-2 — Marcos Longen, f. Nicolau Longen e Ana Scherer. Marcos Longen não tinha irmãos, foi criado por uma tia, conforme informação de Maria Lúcia Longen, sua filha. Era primo do Padre Cláudio Longen e segundo informação do mesmo Padre Cláudio, o Marcos era filho adotivo de José Longen e Emilia Stein, seus pais.

cc Catarina Trierweiler, f. José Nicolau Trierweiler, n. 1853 e Emilia Faust, n. 1853, (1ª. esposa) — n/p Cristophoro (Cristóvão) Trierweileir e Catarina Stock — n/m João Francisco Faust e Catarina Theiss.

T1-1 — Oscar Longen, n. 21.07.1931, Padre da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, ordenado à 20.12.1958, f. Marcos Longen e Catarina Trierweiler.

GENEALOGIA DAS FAMILIAS GEHRENT — SCHMIDT, SILVA — GORGES

Antepassados de Pedro Ernesto da Silva, autor desta pesquisa.

Cópia de um documento sobre a história de um nome de família, feita no "THE HISTORICAL RESEARCH CENTER" — USA, por Fernando Gerent, nosso primo.

O Centro Histórico de Pesquisas
HISTÓRICO DO NOME DE FAMÍLIA
Gerent

O sobrenome Ucrâniano Gerent pode ter derivado de duas fontes distintas. Primeiramente, o nome pode ter derivado de fonte local, derivando do nome do lugar ou localidade de habitantes onde o portador original vivia ou possuía terras. Nessa instância, o nome é direcionado para a cidade Germânica chamada GERING, e o sobrenome consequentemente veio denotar um nativo desse condado. Um condado era uma divisão territorial medieval, onde a comunidade vivia. Geralmente compreendia um feudo ou paróquia. Naquela época era costume adotar o nome de sua cidade natal como seu nome de família, especialmente se o habitante tinha emigrado para outra província ou estado.

Alternativamente, esse nome pode ter derivado de uma fonte patriarcal, derivando do primeiro nome do pai. Nessa instância, GERENT denota "um filho de GER". GER era uma abreviatura medieval popular dos velhos nomes pessoais germânicos GERHARD e GERLAND. Esses nomes eram literalmente traduzidos como "LANÇA NOBRE". Durante a Idade Média, a era das Cruzadas e de incessantes combates privados, nomes que tinham alguma conotação militar eram muito comuns, GER era um termo popular de afeição e foi desse molde familiar que o sobrenome GERENT surgiu.

Brasão de Armas : Prateado numa "fess gules", três fivelas ou entre sete marteletes.

Interpretação : As fivelas denotam empenho e propósito. Os "marteletes" significam mérito e empenho.

Crista : Uma fivela ou entre dois chifres prateado.

Interpretação: Os chifres denotam liberdade.

Origem : Ucrânea.

A lei das Armas: Ilegível no xerox apresentado.

22/04/94

Aldinéia Silva Amorim

ERRATA

Genealogia da Família Schmidt ou Schmitt — Blumenau em Cadernos, nº. 9 — Set./93, fl. 296, 9^a. linha, onde se lê: feroz, leia-se **FERAZ**; fl. 297, última linha, onde se lê: Prof. Danton Daemon, leia-se: **Prof. DALTON DAEMON**;

Nº. 10 — Out/93, fl. 327, 14^a. linha, onde se lê: 1822, leia-se 1827; fl. 328, I Ramo, 5^a. linha, onde se lê: morros Erbeshopt (816 cm), leia-se **morros Erbeshopt (816)**;

F1-1 — João Peter Reitz, onde se lê: n. 21.01.1891, leia-se: n. 21.01.1841; onde se lê: Frederico Schmidt, leia-se: **Frederico Goedert**;

F9-9.— Francisco Reitz, bat. Gaspar, onde se lê: 18.02.1820, leia-se 18.02.1870;

nºs. 11 e 12 — Nov. e Dez./93, fl. 373, 26^a. linha, onde se lê: f. João Goedert, leia-se: f. **Jacó Goedert**; fl. 374, onde se lê: cc Olivia Book, leia-se **Olivia Back**; N3-11, onde se lê: Celestina Stehelin, leia-se **Celestina Stähelin**; T6-6, onde se lê: Gervásio Krestzer, leia-se **Gervásio Kretzer**; T11-11, onde se lê: Sup. JAT, leia-se: **Superior IST**; fl. 375 — T5-16, onde se lê: Inete, leia-se: **Ivete**; B1-27 ... n/p onde se lê: Guakert, leia-se **Nicolau GUCKERT**, etc ...

T2-21, onde se lê: S A, leia-se **SAI**; 2^a. Rosa Jocuk, leia-se: **Rosa JOENK**; B5-31, onde se lê: R. C. Ang., leia-se: **RC ANG**.

EM BUSCA DA ORIGEM DA FAMÍLIA DESCHAMPS

Genésio Deschamps

"Uma jornada de mil passos começa
com o primeiro" (LAO TSE)

Alguma coisa já foi escrita sobre a origem e nacionalidade do casal, conhecido entre nós por NICOLAU DESCHAMPS e CATHARINA EICH. Sobre ele não se chegou a uma conclusão definitiva; ao contrário, geraram-se polêmicas, com alternância entre origem francesa ou belga (face ao sobrenome) e alemã.

Segundo consta da história de Santa Catarina (Jacinto Antônio Mattos, in "Colonização do Estado de Santa Catarina — Dados Históricos e Estatísticos — 1640/1916", Tip. "O Dia", Florianópolis, 1917, p. 199), NICOLAU DESCHAMPS, sua esposa CATHARINA EICH e seus filhos Nicolau, Johanna e Peter, e, ainda, a irmã de NICOLAU, chamada Anna Maria, saíram da Alemanha para o Brasil no ano de 1828, embarcando, no porto de BREMEN, no navio "JOHANNA JAKOBS", de bandeira alemã. Pelas indicações do historiador, o casal e os filhos, que com eles vieram, eram de nacionalidade alemã, mas Anna Maria Deschamps era de nacionalidade francesa, apesar de se ter como certo que, no navio indicado, somente teriam sido embarcados imigrantes arregimentados exclusivamente na Alemanha.

O professor Ferdinando Ostermann, porém, que ministrou aulas a membros da família de Nicolau Deschamps, diz, em carta que remeteu a seus pais, que os DESCHAMPS eram procedentes **da parte alemã da França, nas proximidades de Saarbrücken** (in "Blumenau em Cadernos", Tomo VII, nº. 10, de 1966, pp. 204/205).

Anna Maria Deschamps, por sua vez, declara, em seu testamento, ser natural de Alemanha (Jean R. Rul, in "Genealo-

gia — Os Colonizadores do Vale do Itajaí — II", Blumenau em Cadernos, Tomo XVIII, setembro de 1977, p. 271). Essa declaração contradizia Jacinto Antônio de Mattos, trazendo alguma confusão aos estudiosos.

Frei Elzeário Deschamps Schmitt (descendente do ramo da família que ficou em São Pedro de Alcântara), em artigo publicado na revista "Blumenau em Cadernos", sob o título "Uma Armadilha Histórica em Gaspar" (edição de julho de 1989, nº. 3, pp. 196 a 207), escreveu que Nicolau Deschamps teria sido arregimentado, como emigrante voluntário, na Província Renânia/Palatinado (região Eifel/Hunsrück — cortada pelo Mosela). Diz, também, no mesmo artigo, que os ancestrais de Nicolau Deschamps, em tempos imemorais, eram franceses e haviam se radicado na região de Dügenheim/Hirschfeld-Eifel (Renânia). Tal artigo contradizia reportagem jornalística que dava os DESCHAMPS como originários da Bélgica (in "A Gazeta do Vale", de Gaspar, entrega de 19.04.84).

Recentemente, o padre Antônio Francisco Bohn (Vigário da Paróquia Santa Isabel, Garcia — Blumenau) publicou na revista "Blumenau em Cadernos" (edições de fevereiro e março de 1991, nº. 2 e 3) o artigo "Notas à História de Gaspar", discorrendo sobre os primeiros colonos alemães no Arraial do Belchior (p. 94), no qual consta que Nicolau Deschamps, casado com Catharina Eich, era natural de BLIESGUERWILLER. Tal artigo, como informado pelo autor, é transcrição do manuscrito, "Notas para a História e Corographia da Paróquia São Pedro Apóstolo

de Gaspar^o, anexo ao 2^o. Livro de Tombo da referida Paróquia. Verificando-se o original constata-se que o nome correto da localidade indicada no documento é BLIESGUERSWEILLER.

Por ser o Livro de Tombo da Paróquia de Gaspar um documento elaborado no século passado, pareceu ser uma boa fonte de informação: foi o primeiro a mencionar um lugar específico, apesar de não precisar em qual país se situava.

Parecia, além do mais, ter procedência a informação. Apesar de nada se encontrar em mapas a respeito da localidade, há na região situada a sudoeste da cidade de Saarbrücken, na Alemanha, um rio chamado BLIES. Considerando que tal região se situa na divisa entre a França e a Alemanha e aliando-se ao sobrenome DESCHAMPS que, sem dúvida alguma é de língua francesa, parecia ser essa a mais provável localidade de onde veio NICOLAU DESCHAMPS. Mais: tal informação tinha estreita ligação com a prestada pelo professor Ostermann, que indicava terem os mesmos vindos da região alemã da França, perto de Saarbrücken.

A questão, portanto, era saber se tal localidade existia na Alemanha ou na França (face a sua nomenclatura).

Partindo-se dessa indicação, com base no nome BLIESGUERSWEILER (de estrutura alemã), buscaram-se informações junto ao Consulado da Alemanha, na cidade de Porto Alegre. Para tanto, colaborou o Sr. Rolf Schumann, blumenauense radicado na cidade sulina. Nos arquivos do Consulado, que prestimosamente se dedicou à pesquisa, nenhuma referência foi encontrada, nem atual nem antiga sobre tal localidade na Alemanha. Recebeu-se, no entanto, a indicação de que tal localidade poderia, eventualmente, estar situada na França, perto da fronteira com a Alemanha, onde ainda existem várias localidades com nomenclatura em língua alemã.

Aceita essa indicação como hipótese provável, recorreu-se aos préstimos de Mauri Deschamps (nascido em Blumenau

— SC e residente em Belém — PA). Com viagem de visita marcada para a Alemanha e, especialmente, para a região de Saarbrücken, foram-lhe repassados os dados disponíveis sobre a família DESCHAMPS. Mauri Deschamps também estava interessado em tais levantamentos e se propunha a ajudar na coleta de dados na Europa.

Apoiado nos elementos fornecidos e através de pesquisa efetuada em Saarbrücken, Mauri descobriu que a localidade buscada existia, **não em território alemão, mas em território francês**. BLIESGERSVILLER é um subdistrito da cidade de SARRUEGEMINES, situada no Departamento de Moselle, na França. tanto a cidade em questão, como seu subdistrito, ficam na fronteira da França com a Alemanha, a aproximadamente 30 (trinta) quilômetros ao sul da Saarbrücken. Na nomenclatura antiga, a localidade era BLIESGUERSCHVILLER.

Identificada a localidade, Mauri foi à busca de documentos junto aos arquivos existentes em BLIESGERSVILLER. Entretanto, recebeu informação de que nada mais encontraria, já que a Igreja Católica da localidade, sede dos arquivos, apesar de reconstruída, fora arrasada ao final da segunda guerra mundial e, com ela, perdidos todos os documentos históricos locais, ali arquivados. O fato era lamentável e desanimador! Um morador local, porém, informou que os documentos procurados provavelmente teriam cópias arquivadas junto ao órgão governamental na cidade de Metz, capital da Lorena (França).

Era a última esperança, e Mauri não perdeu tempo. Contando agora com a colaboração da senhorita Sandrine Schiller, residente em Petite Rosselle (França), foi procurado o arquivo histórico da cidade de Metz (Saint-Julien-Les-Metz): Archives pour la Région de Lorraine/Archives Departementales de la Moselle. Requeceu-se, como devido, ao Diretor do Arquivo, Sr. Line Skorka, a pesquisa dos dados genealógicos pretendidos e aguardou-se,

como de praxe, um prazo para a sua verificação e informação.

Cinco dias após o pedido, foram prestadas as informações requeridas. E, para grande alegria e surpresa, ainda que de forma restritiva, conseguiu-se o que se buscava. Apesar de restritas à expedição de extratos de certidões de nascimentos, casamentos e de óbito, bem como de fotocópia de uma ata de autorização para emigração da família DESCHAMPS, as informações se prestam a indicações fundamentais e esclarecimentos de alguns fatos de forma inusitada. Louve-se aqui a persistência de Mauri Deschamps em sua pesquisa.

Das informações colhidas, o primeiro fato a ressaltar é o nome do PATRIARCA da família DESCHAMPS em Santa Catarina e de sua esposa. Nos extratos das certidões fornecidas, seus nomes são, respectivamente, NICOLAS e CATHERINE, portanto bem franceses, em contraposição aos então conhecidos NICOLAU e CATHARINA, mais de origem alemã. E seus nomes franceses, como eles os são de origem e nascimento, é que a partir de agora são utilizados.

NICOLAS DESCHAMPS, efetivamente, nasceu na localidade de BLIESGUERSCHVILLER, subdistrito de SARREGUEMINES, no Departamento de Moselle, na França, em **8 Brumaire, an V**, no calendário francês da época, equivalente no calendário romano a 29 de outubro de 1796. A Igreja dessa localidade, onde se presume deva ter sido batizado, fica, pelos seus fundos, a 50 (cinquenta) metros do rio BLIES, que faz a divisa entre a França e a Alemanha.

Seu pai também se chamava NICOLAS, era agente postal da localidade e nasceu, a 12 de julho de 1766, na localidade de Haut Limberg, no Departamento de Moselle (França). Casou-se com MARGUERITE BOTTE, sua mãe, nascida a 29 de setembro de 1767, em BLIESGUERSCHVILLER, onde também faleceu em 14 de fevereiro de 1816. O casamento de

NICOLAS (filho de Nicolas e Marguerite) se realizou a 22 de fevereiro de 1816 (oito dias após o falecimento de sua mãe), em BLIESGUERSCHVILLER.

Conforme consta da certidão de casamento de seus pais, cujo ato se realizou em 11 Brumaire, an III (01.11.1794), em Bliesguerschviller, os seus avós, pelo lado paterno, eram JEAN DESCHAMPS, falecido em Haut Limberg e ELISABETH BRUNIG, nascida em Haut Limberg; pelo lado materno, eram JEAN JORGE BOTTE e CATHERINE NIEDERUANDER, ambos falecidos em Bliesguerschviller.

CATHERINE EICH (esposa de Nicolas Deschamps) não tem indicativo de localidade de nascimento, mas nasceu a 25 de julho de 1794, filha de PIERRE EICH, falecido a 19 de fevereiro de 1816 (três dias antes do casamento de Nicolas e Catherine), e de ANNE MARIE NICLAUS.

O outro documento colhido junto ao arquivo histórico francês em Metz trata da autorização dada ao casal NICOLAS DESCHAMPS e CATHERINE EICH para emigrarem da França. Referido documento está em estudo, porquanto exige trabalho cuidadoso face à língua francesa formal antiga e o fato de ter sido manuscrito. Tal documento é datado de 8 de janeiro de 1826, sem especificar o local desejado para a sua destinação. Maiores detalhes serão oferecidos mais tarde.

De qualquer forma, tem-se assim, com mais precisão, a origem e a nacionalidade de NICOLAS DESCHAMPS, patriarca de imensa família em Santa Catarina, particularmente no Vale do Itajaí e em São Pedro de Alcântara e adjacências. Ele e seus descendentes muito contribuíram para o desenvolvimento dessas regiões: motivo de orgulho para os que dele descendem. Aliás, todos os que possuem o sobrenome DESCHAMPS, em Santa Catarina, descendem exclusivamente de NICOLAS e CATHERINE DESCHAMPS. Sua irmã, Anna Maria, não teve filhos, portanto descendentes.

— DIA 1º. — A imprensa (JSC) dá destaque ao fato histórico no campo do computador. Divulga que, no Colégio da Imaculada Conceição, de Florianópolis, na seção ali instalada, a eleição ficaria por conta dos computadores para registrar o voto dado pelo eleitor, um pioneirismo neste campo em todo o país. *** No final da Alameda Rio Branco, já no começo da Hermann Huscher, um ônibus lotado com cabos eleitorais do candidato Paulo Afonso, despencou num barranco de 30 metros, causando ferimentos na maioria. Felizmente não houve vítimas.

— DIA 02 — O destaque do dia é a procura intensa por linhas telefônicas do tipo celular em Blumenau. A lista de espera já atingiu a 3 mil nomes de candidatos à mesma.

— DIA 03 — A imprensa divulga que o comércio especializado em produtos estrangeiros cresceu em média 30% nos últimos meses, em consequência das facilidades de importação, face à redução de algumas alíquotas. *** Às 20 horas, foi aberta uma exposição coletiva de 36 artistas catarinenses, na Galeria de Artes da Fundação "Casa Dr. Blumenau". A promoção foi da Associação dos Artistas Catarinenses. As 36 obras expostas — uma de cada artista — contou, ainda, com a participação da escritora e artista plástica de Florianópolis, Juliana Wosgraus, que lançou seu livro "Miscelânea", em bela noite de autógrafos. *** O eclipse total e parcial da luz encobrendo o sol, causou grande agitação em Blumenau e noutras cidades catarinenses, onde o fenômeno foi visto com mais intensidade, como Criciúma. *** Três assaltantes entraram na agência do Banco do Brasil, no bairro Garcia, às 12:30 horas e, em menos de cinco minutos, roubaram R\$ 24 mil. Os ladrões fugiram num Santana azul, sem placa, para o centro da cidade. *** Vitimada pela queda de uma trave na cabeça, faleceu a menina Fernanda Pereira de Oliveira, aluna da E. B. Municipal Lauro Mueller, de Badenfurt.

— DIA 04 — No grande auditório do Grande Hotel Blumenau, foi aberto o Primeiro Simpósio Estadual de Direito (Área Cível), promovido pelo Instituto de Ciências Jurídicas com co-promoção do Centro de Ciências Jurídicas da FURB. O evento teve a participação de cerca de 300 pessoas, entre juizes, promotores, advogados e acadêmicos. *** Começaram a ser acesas as luzes que compõem a decoração natalina na rua 15 de Novembro.

— DIA 06 — Com um espetacular desfile, os campeões dos Jogos Abertos disputados em Florianópolis, foram recebidos com muita emoção e abraços pela população blumenauense. Grande público compareceu à rua 15 e ao longo das ruas em que

os atletas blumenauenses desfilaram, para os merecidos aplausos. Eles mereceram todo o carinho com que o povo os recebeu. *** Repercutiu muito bem a inauguração, no princípio da semana, da loja A Múltipla Comercial, com sua primeira unidade em Blumenau. A loja possui 120 metros quadrados e está instalada à Avenida 7 de Setembro nº. 3.388. *** Fortes chuvas caídas neste dia, provocaram a queda de muro e a destruição de parte da casa nº. 538 da rua Henrique Bennertz, na Itoupava Norte. A residência semi-destruída é de propriedade de João Carlos de Castro.

— DIA 08 — No saguão da FURB, foi aberta uma exposição coletiva denominada "Cor e Forma", das professoras do Curso de Educação Artística da FURB. *** No Teatro Carlos Gomes apresentaram-se em noite de gala, o saxofonista Alexandre Malaquias e o Grupo Sindicato Triade, com um repertório que agradou plenamente ao público presente. *** O município de Ibirama completou 97 anos desde sua criação como primitiva vila — 1897. *** Acadêmicos da FURB promoveram gincana para divertir os idosos residentes no Asilo São Simeão. A iniciativa envolveu todos os asilados e causou a mais agradável impressão.

— DIA 09 — Em seu atelier à rua dos Imigrantes, 314 em Pomerode, a artista plástica Rose Darius abriu a exposição de 70 obras suas, sob o título "Presentear com Arte".

— DIA 10 — No Grande Hotel Blumenau foi aberta exposição de trabalhos da artista plástica Marguit Klotz, natural de Taió. A coleção, composta por 17 quadros, foi muito visitada e aplaudida.

— DIA 11 — No Bistrô, de Horácio Braun, no Shopping Centre Neumarkt, apresentou-se o talentoso Carlinhos Niehues, com o show "Por Que Não". *** No palco do Teatro Carlos Gomes, os blumenauenses tiveram a última oportunidade de assistir o monólogo "Dona Doida — Um Interlúdio", com o talento de Fernanda Montenegro. *** O 2º. Grupamento de Incêndio da Turma Soldado BM Pedro Fagundes Júnior, realizou a solenidade de formatura de uma nova equipe de 29 profissionais. A solenidade foi assistida por autoridades e convidados. *** A imprensa (JSC) destaca que Romário Roberto dos Santos, o bebê que nasceu com cesariana, na maternidade do Hospital Santo Antônio, é o mais paparicado dos últimos anos, pois nada menos do que 500 pessoas o visitaram nos primeiros dias. E por quê? Ele nasceu com nada menos do que seis quilos e oitocentos gramas. Sua mãe, Zenaide Aparecida Bellantani, diz que seus dois primeiros filhos também nasceram fortes — um com quatro quilos e duzentas gramas e o outro com cinco quilos e meio.

— DIA 12 — Foi aberto, nas quadras do Guaraní, de Itoupava Norte, o Campeonato Sulamericano Juvenil de Punhobol.

— DIA 15 — Dia de eleições em Santa Catarina. As previsões da pesquisa feita pela Data-Folha, foram confirmadas com a vitória de Paulo Afonso Vieira. *** A imprensa (JSC) destaca que a Imprensa Paranaense aceitou, em princípio, negociar com a Prefeitura de Blumenau a cessão de seu imóvel, onde operava com suas máquinas, para ser transformado em hospital geral e maternidade. *** Segundo

levantamento da Polícia Rodoviária, o final de semana esteve acima do normal. Entre sexta-feira e domingo, aconteceram 74 acidentes, com 59 pessoas feridas e 11 mortos. O maior número de vítimas fatais, ocorreu na BR-101.

— DIA 17 — No Hotel Plaza Hering, realizou-se, às 21 horas, um importante leilão: tapetes orientais e antiguidades, ao gosto dos amantes da arte. *** Na sede do Grêmio Esportivo Olímpico, foi aberta a exposição organizada pelo SESI e o mesmo clube, que resgata a história do esporte em Blumenau e região. A exposição foi muito visitada. *** Na Galeria Municipal de Arte, Geração 70. São 24 trabalhos realizados nas categorias pintura, escultura, gravura, desenho e objetos. A coletiva reuniu obras dos "setentistas" Alfi Vivern, Cristina Petry, Eduardo Nascimento, Estela Sandrini, Guinski, Nelson Padrella, Rettamozzo e Ronald Simon. *** Graças a estabilidade econômica e a aproximação das festas de fim de ano, a oferta de novos empregos cresceu em Blumenau, 70%.

— DIA 18 — Segundo relatório publicado, a 11^a. Oktoberfest registrou um lucro líquido final de 23 mil reais.

— DIA 19 — Nos espaços do monumental SESI, à Rodovia Jorge Lacerda, aconteceu a primeira Ação Global de Blumenau, reunindo grande número de prestadores de serviços à comunidade e que se constituiu em pleno sucesso. *** A imprensa (JSC) destaca a passagem dos 30 anos de atuação da Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí. *** A Casa da Esperança, localizada no bairro Garcia, Blumenau, recebeu da UNICEF a importância de 14 mil reais do Fundo das Nações Unidas para a compra de materiais escolares e execução de programas especiais.

— DIA 22 — O maestro e compositor catarinense, natural de Brusque, Edino Krieger, recebeu no Rio de Janeiro o Prêmio Nacional de Música de 1994, instituído pela Funarte e pelo Ministério da Cultura. *** Mais de 200 Secretários municipais de Educação dos três Estados do Sul, participaram do 1^o. Encontro Nacional dos Dirigentes Municipais no Hotel Himmelblau.

— DIA 23 — O Grupo Teatral TEBAS apresentou-se às 10 e às 13:30 horas na empresa Moore Formulários Ltda., dentro do Projeto Teatro na Indústria, encenando a peça "Boas (?) Maneiras para Fumar". *** No Teatro Carlos Gomes, foi encenada a peça "Negro Olhar", de Marcelo Fernandez de Souza, com direção de Pepe Sédrez. A encenação esteve a cargo do Grupo Teatral "Meu Grupo". *** No saguão da FURB, uma série de manifestações artísticas. O espaço cultural aconteceu com a apresentação do projeto "Movimentos, Cor e Palavra", integrado pela mostra dos quadros da artista plástica Crista Sitônio, painéis gráficos de Tchello de Barros, recital poético por Antônio Leopolsky e lançamento do livro de poemas "Pouso de Andorinhas", de Cristina Baumgarten, com noite de autógrafos.

— DIA 24 — As crianças que venceram o concurso municipal "A Escola e o Trânsito", realizado durante a Semana do Trânsito, em outubro, passaram esta manhã no 10^o. Batalhão de Polícia Militar, assistindo a uma fita de vídeo sobre os cuidados

do trânsito. *** Estrago na bomba de captação de água na ETA II, tornou-se ameaça de falta d'água para a população, especialmente para os que residem em locais mais elevados.

— DIA 25 — Encerrando o ano artístico, o Pró-Dança de Blumenau levou ao palco do Teatro Carlos Gomes o seu espetáculo de variedades, com destaque a dança, através de 230 bailarinos, num verdadeiro espetáculo de gala.

— DIA 26 — A imprensa destaca o fenômeno que começou a acontecer no litoral sul do país com a morte de milhares de bagres, atacados por um vírus desconhecido.

— DIA 29 — O fim de semana trágico é destaque na imprensa. Nada menos do que cinco mortos e 49 feridos é o saldo registrado em 62 acidentes nas estradas catarinenses.

FALECIMENTO

FREDERICO KILIAN

É com profundo pesar que cumprimos o doloroso dever de registrar, hoje, nestas páginas, a notícia do falecimento de nosso valoroso colaborador, dinâmico pesquisador e aplaudido jornalista que foi FREDERICO KILIAN.

Desde os primeiros números desta revista, a partir de novembro de 1957, Kilian sempre esteve presente com seus trabalhos de pesquisa histórica, com isso enriquecendo sobremaneira o acervo histórico e guardando a memória histórica de Blumenau, de suas principais figuras do passado e tantos outros fatos que hoje são destaque nos 37 tomos, dentro dos 37 anos de circulação mensal ininterrupta.

A biografia completa de Frederico Kilian também encontra-se registrada, nos seus mínimos detalhes, nas páginas desta revista. (Tomo XXIX pág. 222).

O trabalho realizado por Kilian, como um dos primeiros colaboradores do fundador José Ferreira da Silva, é imenso. Ele deixa para a posteridade, nas páginas de "Blumenau em Cadernos", memória histórica que representa uma grandiosidade den-

tro de todo o acervo contido nos tomos citados.

Frederico Kilian, aos 96 anos, havia se internado no hospital para realizar uma cirurgia de visícula. Tudo correu bem. Todavia, dois dias antes do previsto para receber alta do hospital, faleceu repentinamente. Seu coração decidiu descansar após tantos anos de vida dados a ele para que, na sua atividade intensa pudesse produzir tanto trabalho valioso que deixou para a posteridade.

Seu corpo desceu à sepultura no cemitério evangélico do centro, com a presença de numerosos amigos que em tempo souberam de seu falecimento e a tristeza de milhares de outros que, ausentes de Blumenau, não puderam prestar-lhe, na ocasião suas homenagens.

Frederico Kilian levou consigo a eterna gratidão de "Blumenau em Cadernos", da Fundação "Casa Dr. Blumenau", de cujo Conselho Curador foi presidente e membro por muitos anos.

O falecimento de Frederico Kilian aconteceu dia 04 do corrente mês de janeiro e o sepultamento deu-se dia 05.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente Interino : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves



Consórcio
Breitkopf

**A CERTEZA DE FAZER O
MELHOR INVESTIMENTO**

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.